

Eluciação Presidencial Sant'Anna diz que o quadro poderá mudar

25 JUN 1989

RITAMARIA PEREIRA

CORREIO
BRAZILIENSE
25 JUN 1989

Se não é o candidato, é a sua candidatura que sofre de um mal incurável: deficiência. É com esse argumento que o ministro da Educação, Carlos Sant'Anna, procura se esquivar da necessidade de caçar um rumo, ao menos em termos pessoais, com relação à sucessão presidencial. Como ele mesmo diz, "botei a viola no saco e vou acompanhar o desenrolar dos fatos". Para isso tem sido socorrido por um outro problema, as greves nas universidades, que não lhe permitem investir muito tempo na análise do quadro político.

É verdade, também, que o ministro reconhece o favoritismo atual do candidato do PRN, Fernando Collor, achando que, se a eleição fosse agora, ele estaria virtualmente eleito, sem sequer passar pelo segundo turno. Só que ainda mantêm a crença e esperança de que, no decorrer da campanha, um fato novo possa alterar tudo, zerar a conta e começar de novo.

Carlos Sant'Anna prefere não se deter muito na análise dos candidatos, atitude que adotou como forma de preservar-se pessoal e politicamente. Afinal, como ministro de Estado, e apesar de deputado, pôde comodamente eleger um objetivo maior para suas preocupações políticas: lutar pela unidade do grupo moderado do PMDB, mesmo que seus integrantes adotem candidaturas diferentes, como já vem acontecendo.

Segundo garante, não é somente ele que espera uma mudança no quadro: os candidatos estão numa situação tal que isso será quase inevitável. Os candidatos fortes, prossegue Sant'Anna, têm deficiências que assustam, como o despreparo para exercer a mais alta magistratura do País. Falta não só competência individual como equipe, assessoria, estrutura partidária para um programa de ação, ninguém até hoje mostrou o que fará com cada setor — como saúde e educação, por exemplo — de modo preciso. E não venham me dizer que todo partido tem um programa — argumenta — porque nós políticos sabemos que, isso é quase uma praxe, para registrar na Justiça Eleitoral.

Depois, analisa as candidaturas, assinalando que os candidatos pessoalmente bons estão muito ruins na pesquisa. O ministro evita citar nomes, mas para os que conhecem seu pensamento político é fácil constatar que nessa situação estariam Aureliano Chaves e Afif Domingos. Tanto assim que admite serem candidaturas que não vingaram.

Outros, como Lula e Brizola, que são viáveis eleitoralmente, têm marcas ideológicas incompatíveis com a posição política de Carlos Sant'Anna, que também rejeita Maluf porque não se agrada do processo utilizado pelo candidato do PDS. O ministro usa cautela para tratar da sua indefinição, achando que não deve sequer analisar o fenômeno Collor. Limita-se a rir, quando instado a negar que o candidato do PRN, se valer apenas ideologia, aparece como o mais próximo do grupo moderado do PMDB. "Eu não sou candidato a nada, tenho apenas o meu voto, portanto posso continuar indefinido", argumenta ainda o ministro Carlos Sant'Anna, achando que o mais produtivo é manter a unidade do grupo moderado, porque se ocorrer a esperada mudança no quadro, no seu entender, poderiam exercer forte influência política na nova situação. Depois, porque acredita que esses mesmos moderados serão importantes após as eleições dentro do Congresso Nacional.

Na sua opinião, nada existe de estapafúrdio em acreditar no fato novo: a situação de dificuldades do País, caminhando para a hiperinflação, vai exigir que as candidaturas adquiram complexidade, não poderão ficar nos simplismos que estamos vendo por aí — diz ainda o ministro da educação, lembrando que o novo presidente terá legitimidade das urnas para interferir na área econômica. Mas precisará de programas, densidade e muitas outras qualidades.